

Algumas notas sobre as teorias da aquisição da linguagem: Piaget, Chomsky, Skinner

FRANÇOISE PAROT *

Este artigo tem por objectivo expor o modo como o problema teórico da aquisição da linguagem é posto pelas três principais correntes que orientam a investigação em psicolinguística: Chomsky, Piaget e Skinner. A razão que nos leva a abordar este problema é por nos parecer que isso permite aprofundar as polémicas epistemológicas que actualmente caracterizam a psicologia dita «científica». Por isso sublinhamos que a nossa abordagem não se limitará apenas ao problema da aquisição da linguagem, mas, por razões que julgamos evidentes, muitas vezes alargaremos o âmbito da nossa exposição.

Para nós, a aquisição da linguagem não constitui senão um tema de aplicação de uma problemática mais geral que poderemos resumir da seguinte maneira: *Há verdadeiramente opções irredutíveis em «Psicologia científica» ou trata-se na realidade de versões diferentes de uma mesma opção fundamental?*

Definido o objecto do nosso trabalho, este será em parte constituído por opiniões ou julgamentos, de qualquer forma tomadas de posição num domínio problemático. Estas tomadas de posição não poderemos defendê-las em nome da sua verdade mas pelo que julgamos ser a sua justiça. Nós consideramos que o interesse maior

de um tal trabalho é suscitar um debate. Porém, no âmbito deste artigo, não poderemos deixar de ser breves, esquemáticos e simplificar ao máximo as posições em presença. No entanto, tentaremos não retirar o essencial.

Outra nota preliminar: Esta exposição tem um carácter crítico. Está perfeitamente excluído que, individualmente e no actual estágio do nosso trabalho, possamos emitir opiniões sobre o que deveria ser a psicologia da linguagem. Procuraremos mais tarde compreender o que ela é.

Antes de examinarmos as três posições em questão é necessário que fique assente uma diferença importante na abordagem dos três autores:

— Chomsky define-se primeiramente pelas suas posições em linguística, mas define-se também pelas suas posições políticas. Ambas são bem conhecidas. A partir das suas posições em linguística e em política Chomsky elaborou uma «psicologia» no sentido geral. Isto é, se seguirmos Chomsky nas suas posições em linguística é em política tal implica uma certa concepção da psicologia. É necessário sublinhar que para Chomsky, e por razões que voltaremos a referir, as fronteiras entre psicologia e linguística são difíceis de determinar. As concepções de criatividade, de competência por exemplo, funcionam na linguística chomskiana, mas no decorrer desta exposição nós considerá-las-emos como uma parte da psicologia chomskiana, definindo a sua

* Investigador no Laboratoire de Psychologie expérimentale et comparée (associado ao CNRS, Université René-Descartes (Sorbonne) e EPHE, 3ème Section.

linguística como um conjunto de regras que lhe parecem descrever a estrutura das linguagens.

— Piaget e Skinner, pelo contrário, definem-se pelas suas posições em psicologia, ainda que o primeiro se tenha dedicado no princípio à botânica e o segundo à literatura. É a partir de concepções psicológicas que eles desenvolvem uma certa posição quanto à linguagem. Aliás, podemos acentuar que a sua psicologia contém igualmente posições ideológicas, posições que estabelecem eventualmente laços estreitos com certas práticas do aparelho escolar.

Esta diferença entre Chomsky, por um lado, e Piaget e Skinner, por outro, permite, em parte, compreender que para o primeiro a linguagem constitui um domínio de estudo específico e uma característica distintiva do homem, enquanto para Piaget e principalmente Skinner, a linguagem não é senão um comportamento como os outros.

Esta exposição será articulada à volta da investigação daquilo que constitui, para cada um dos autores, o *motor* da aquisição da linguagem, o que cada um deles define como o princípio que está na origem do desenvolvimento, assim como o conjunto de factores que determinam a conduta do indivíduo.

Procuraremos mostrar que em última análise estamos em presença de uma *alternativa incontornável*, quer seja o meio (ou ambiente), quer seja o organismo com as suas diversas características, que constitua esse motor.

Esta alternativa remete-nos para um debate filosófico e cada um destes três autores tomou claramente posição nesse debate. É necessário acentuar que esse debate não se sobrepõe ao debate inato/adquirido, que retomaremos em princípio e que de qualquer forma se nos coloca, quer tomemos o meio ou o organismo como motor da ontogénese.

Finalmente, tomaremos sempre em conta as *funções representativa e comunicativa da linguagem*. Esquemáticamente, podemos considerar que a linguagem permite representar a realidade através de uma relação entre um objecto e uma palavra, por exemplo; a este nível ela permite representar a realidade. Por outro lado

a linguagem permite comunicar socialmente os conteúdos: é uma actividade social de troca. A linguagem humana diferencia-se da das abelhas, por exemplo, o que não assegura que saibamos alguma função de representação mas sim uma simples função de comunicação. A maior parte das espécies animais dispõe de mecanismos de representação da realidade: os chimpanzés, por exemplo, nas situações de desvio mostram que dispõem daquilo a que Piaget chamou a permanência do objecto; mas estas capacidades de representação não são utilizadas nas suas trocas comunicativas.

Escolhemos apresentar estas três correntes de acordo com um plano que parece talvez académico mas que nos pareceu mais apto a permitir um debate. Começaremos por Chomsky, passaremos a Piaget e terminaremos com Skinner, segundo uma escolha que não é arbitrária. Para cada um deles, resumiremos rapidamente a sua concepção de aquisição da linguagem, as suas concepções teóricas e epistemológicas fundamentais e tentaremos enfim situar a «sua» psicologia relacionando-a com certas disciplinas conexas, em particular a biologia e o estudo dos fenómenos sociais, pois que em epistemologia o pólo orgânico e o pólo social constituem pontos de referência indispensáveis. E relacionando-a ainda com o estudo do comportamento animal, pois para alguns a linguagem constitui a característica diferenciadora da espécie humana. Finalmente relacionando-a com a elaboração de uma teoria do conhecimento em geral pois a evolução cognitiva da criança assemelha-se à evolução histórica do conhecimento.

Passamos a expor seguidamente alguns elementos conclusivos sobre as diferenças e semelhanças entre estes pontos de vista.

I — NOAM CHOMSKY

Seria muito longo analisar aqui detalhadamente as razões do grande acolhimento encontrado pelas teses chomskianas ou demorarmos-nos no impacto que tiveram todas as tomadas de posição de Chomsky tanto em linguística como em política. Mas a inserção de Chomsky

na corrente científica, parece contudo um fenómeno interessante porque explica em parte a posição de Chomsky em psicologia: o seu inatismo; em oposição aos tecnocratas americanos cuja teoria mais «notável» parece ser o behaviorismo, em nome do humanismo mas sobretudo do racionalismo, Chomsky combate as posições empiristas dos psicólogos. Contra a tábua rasa ele postula que a criança vem ao mundo com capacidades — verbais em particular — já programadas (Skinner e seguidores ironizaram esta questão perguntando quem transforma o homem em máquina). Por estas razões, não há qualquer ambiguidade em Chomsky quanto ao que constitui o motor do desenvolvimento da criança: são as suas estruturas inatas e é por isso que, tal como escreveu em 1970, a linguística é uma parte da psicologia. Com efeito, as características estruturais das linguagens dependem das características do cérebro humano, e por este motivo existem pontos comuns e universais em todas as linguagens. Assim, a sequência dos tipos de discursos que a criança é capaz de emitir em diferentes idades (discursos caracterizados de maneira estrutural pela sua sintaxe e pelo tipo de operação que permite passar da sua estrutura profunda à sua estrutura de superfície) não é senão a manifestação dos processos de actualização das estruturas inatas. Mais precisamente, para Chomsky, no caso de uma criança de ano e meio, todas as potencialidades gramaticais estão já presentes, mas se a criança não as utiliza é porque é necessário esperar a «colocação certa» dos diversos utensílios de realização, dos filtros psicológicos, como as operações mnemónicas, perceptivas, fonatórias, etc. que realizaram essas potencialidades. A rapidez com que a criança vem a utilizar uma estrutura muito complexa, como é a linguagem, não pode explicar-se pelos mecanismos da imitação ou da aprendizagem descritos pelos psicólogos; tanto mais que acontece frequentemente a criança produzir discursos totalmente novos que jamais ouviu e que foram criados graças à capacidade inata a que Chomsky chama competência.

Nota: Estas concepções de Chomsky em Psicologia estabelecem uma estreita relação com

aquilo a que chamámos linguística chomskiana. Esta é quase exclusivamente estrutural e tem como objectivo construir uma gramática universal que seja a formalização da competência de todo o sujeito, mas a linguagem não é aqui estudada senão como modo de representação da realidade. Jamais nos seus aspectos comunicativos como a transmissão de conteúdos de indivíduo para indivíduo.

Nenhuma ambiguidade resta quanto à ausência de papel que Chomsky determina para o meio social e mesmo físico na aquisição da linguagem. Para ele é inegável que o facto da criança aprender a falar é um fenómeno *biológico*. Para os que permaneceram incrédulos e não acreditaram que Chomsky tivesse exprimido claramente esta posição, leram com utilidade o seu último livro *Réflexions sur la Langage*. Para ultrapassar uma convicção condicional na obra de Chomsky que alguns — nos quais me incluo — puderam tomar como a melhor arma contra o behaviorismo, a leitura desta obra é higiénica; lemos aí, por exemplo, que «os princípios que governam a estrutura e o emprego da linguagem são universais, de acordo com uma necessidade biológica e não histórica» ou ainda que: «certas realizações intelectuais como a aprendizagem da linguagem revelam estritamente uma capacidade biológica determinada»; ou ainda para o inatismo das regras específicas de linguagem: «o pensamento da criança contém a seguinte instrução: construir tal regra».

Chomsky toma uma posição firmemente racionalista em filosofia e a expressão extrema deste racionalismo evidencia-se quando ele diz que «o processo que explica o conhecimento pelas estruturas do espírito é mais frutuoso que aquele que assenta nas estruturas do mundo». Que poderemos dizer da «Psicologia Chomskiana», das suas relações com outras disciplinas?

1. *Com a Biologia:* Porque o motor do comportamento é o organismo e as suas estruturas características, a psicologia chomskiana estabelece relações privilegiadas com a biologia. Segundo Chomsky ela vai mesmo mais longe, pois,

tal como afirma em *Réflexions sur la Langage*, a psicologia é uma parte da biologia (logo, igualmente, a linguística). Por consequência podemos tomar da teoria linguística a competência e a aquisição da linguagem em termos biológicos.

2. *Com o estudo dos fenómenos sociais*: Também neste caso a posição chomskiana é clara: para Chomsky as estruturas sociais, as ideologias, são como a linguagem manifestações das estruturas do nosso espírito. Ele afirma que, por exemplo, «os sistemas de confiança são os que o espírito, tal como a estrutura biológica, destinou a conhecer». Consequentemente a psicologia chomskiana pode explicar os fenómenos sociais em termos biológicos; ele afirma assim que «a hipótese inatista inclui igualmente os princípios sobre o lugar e o papel dos indivíduos na sociedade, na natureza e nas condições de trabalho».

3. *Com o estudo do animal*: Como recordámos, a linguagem é para Chomsky um comportamento específico, não como os outros, que é próprio do homem que é o único animal dotado de razão. Se o homem fala é porque na história filogenética se produziu um fenómeno biológico de emergência, qualquer coisa como uma mutação que produziu uma modificação qualitativa decisiva. Deste modo os macacos não falam; podemos apenas condicioná-los a comunicar por um sistema de sinais, o que não tem muito interesse.

Logo, a este nível a psicologia chomskiana parece contornar o estudo do animal. Mas, porque a linguagem é para Chomsky um fenómeno biológico, é interessante estudar no animal os mecanismos de actualização das capacidades programadas. Porque «os sistemas linguísticos se desenvolvem, naturalmente, como uma variante do instinto animal» o estudo do instinto interessa bastante ao psicólogo.

4. *Com a elaboração de uma teoria do conhecimento*: Os escritos de Chomsky são pouco explícitos porque ele sempre afirmou, ao contrário de Piaget, que o desenvolvimento da linguagem não depende do desenvolvimento cogni-

tivo. Mas muito recentemente este diferendo parece ter sido sanado e Chomsky interessa-se agora pela capacidade cognitiva humana que ele considera totalmente programada. Podemos citar a propósito uma das suas notas esclarecedoras: «o espírito humano é um sistema biologicamente determinado, tendo certas potencialidades e certos limites... ele tem uma adaptação natural para imaginar as teorias correctas de um tipo determinado».

II — JEAN PIAGET

É no âmbito muito complexo da construção de uma teoria do conhecimento que se situam as concepções de Piaget sobre a aquisição da linguagem. Piaget afirmou várias vezes que a sua teoria se diferencia por um lado do inatismo e por outro do empirismo, quer dizer de Chomsky e de Skinner, e nos seus escritos sobre psicologia ele pretendeu demarcar-se tanto de um como do outro. Mais precisamente, podemos observar que é sobretudo contra o empirismo que ele se levantou. Como afirma em *Le Structuralisme* Piaget considera, mais tarde, que a posição de Chomsky é incompleta. A afinidade entre Piaget e Chomsky revela-se em particular pela orientação dos trabalhos dos psicolinguistas de Genebra que se reclamam do primeiro e do segundo. O que distingue, principalmente, Piaget dos chomskianos é que para ele o aparecimento e a evolução da linguagem dependem da evolução cognitiva da criança. A linguagem é para ele *uma das manifestações da função semiótica* e os trabalhos da Escola Psicolinguística de Genebra têm como objectivo pôr em evidência que a linguagem da criança (ainda encarada segundo as suas características formais) se desenvolve seguindo a evolução cognitiva; por exemplo, a estrutura passiva, que implica uma inversão na ordem das palavras do activo, não seria adquirida senão no momento em que a criança atingisse o estado de reversibilidade.

Para Piaget é a evolução cognitiva que determina a evolução da linguagem. Como Chomsky, Piaget não toma em conta o *aspecto represen-*

tativo da linguagem e muito raramente a sua função de comunicação. Para saber qual é o *motor da evolução da linguagem* na criança, é necessário ver como Piaget explica a evolução cognitiva. Ele considera que quatro factores intervêm no seu desenvolvimento: a experiência do mundo, a maturação, o meio social e o *equilíbrio* que ele define como uma função biológica característica de todos os organismos vivos e que tem por objectivo responder, por processos de regulamentação e de compensação, ... aos desequilíbrios provocados pelo meio. Com efeito Piaget descreve o modo como por mecanismos de assimilação e de acomodação o sujeito atinge fases ou estádios de equilíbrio privilegiado entre o seu conhecimento, constituído por esquemas, e os dados do meio que ele toma em consideração. Quando este equilíbrio se rompe a tendência fundamental para o equilíbrio restabelece-se.

(Ao nível do desenvolvimento da linguagem, Piaget mostra em *Naissance de l'Intelligence* ou na *Formation du Symbole* que são os processos biológicos de acomodação que permitem o acesso à imitação diferida, depois à função semiótica.)

Deste modo, que dizer do princípio motor da evolução ontogenética em Piaget? Encontramos elementos de resposta a esta questão em *Equilibration des Structures Cognitives*, onde Piaget diz que «a tendência ao equilíbrio é uma função explicativa central no problema do desenvolvimento da função cognitiva». Entre os quatro factores que intervêm de perto no desenvolvimento apenas o *equilíbrio* parece ter uma função determinante. O que aliás se confirma se analisarmos os escritos mais recentes de Piaget, como *Biologie et Connaissance, Adaptation Vitale et Psychologie de l'Intelligence...* ou *Le Comportement, Moteur de l'Évolution*; nestas obras ele tenta demonstrar que as estruturas cognitivas são como as características fenotípicas (a forma das limneias, por exemplo) dos modos de adaptação biológica. Em *Génèse et Structure* ele escreve: «A evolução da inteligência não é de outra natureza que a da evolução biológica». Estas duas evoluções têm o mesmo

princípio motor: o equilíbrio, que é um processo biológico. A fonte da evolução das condutas, a raiz desta evolução parece ser também, para Piaget, o sujeito e as suas características orgânicas. Mas contrariamente a Chomsky, Piaget não defende um inatismo de estruturas — cognitivo ou verbal — mas um inatismo de funções que regulam toda a vida biológica.

Correlativamente, compreende-se que em Piaget o *meio* tem simplesmente um papel decorativo, quadro no qual se actualizam estas funções e a ordem universal do desenvolvimento da evolução cognitiva testemunha este papel determinante das funções biológicas. Esta universalidade levou Piaget a fazer *La Psychologie du Sujet Épistémique*.

Nota: Ao nível das experiências de inspiração piagetiana, e apesar do uso teórico da concepção de interacção, o meio é sempre um meio passivo, inerte, sempre caracterizado ao nível físico, nunca social. O papel que ele atribui ao meio está claramente descrito em *Adaptation Vitale...* «para explicar a evolução das espécies e para explicar os comportamentos ou conhecimentos, o factor primordial não está em procurar nas acções positivas ou negativas do meio, mas sim nas acções que o organismo ou o sujeito exerce sobre o meio, e isto por via das iniciativas essencialmente endógenas».

Como situar então a «psicologia piagetiana» relativamente às outras disciplinas?

1. *Com a Biologia:* Pode dizer-se que Piaget encarna ele próprio a relação da Psicologia com a Biologia. Em todo o caso, é bem claro que para ele a missão da Psicologia é, por um lado, descrever as estruturas do comportamento que se manifestam no decurso da ontogénese e por outro lado determinar os mecanismos que provocam a sequência. Mas estes mecanismos são para Piaget de ordem biológica e porque ele considera que o futuro da psicologia está na sua fusão com as ciências biológicas: com efeito ele afirma em *L'Introduction à l'Épistémologie Génétique:* «Um dia a psicologia e a neurologia assimilar-se-ão reciprocamente e constituirão uma ciência comum».

2. *Com o estudo dos fenómenos sociais:* Piaget é aqui menos categórico que Chomsky e de facto menos reducionista, todavia ele considera que a história social pode ser explicada tal como a ontogénese e a filogénese, pelo processo do equilíbrio. Em *Génèse et Structure* refere que: «Mesmo quando se trata de lutas e conflitos entre ideologias, eu creio que a noção de equilíbrio se aplica também neste domínio... Poderemos supor que estamos ainda no domínio social, numa fase pré-operatória análoga àquela que precede na psicologia da inteligência a formação de estruturas equilibradas? Se se acredita em algum sistema social melhor que o nosso, como vós e eu, penso que podemos ambicionar um estado mais equilibrado e de uma estabilização progressiva. Não vejo porque não se poderá aplicar a noção de equilíbrio à sociologia».

A História para Piaget parece reduzir-se a uma génese com um estado de equilíbrio ideal a atingir. Talvez a diferença entre História e génese seja aqui central.

A um nível diferente, o da relação social com o semelhante podemos recordar a fórmula célebre de Piaget segundo a qual a afectividade constituiria a energia que alimenta o motor que é o cognitivo nos seus mecanismos. Piaget não ignora certamente a importância da relação com o semelhante na génese cognitiva, mas podemos interrogar-nos sobre a sua concepção da análise que é necessário efectuar desta relação. Admiramo-nos mesmo de encontrar em *Entretiens avec Bringuier* que «sobre a afectividade apenas a endocrinologia terá qualquer coisa a dizer-nos».

O que motiva em Piaget uma afirmação tão surpreendente, é que para ele os afectos, os sentimentos, não são estruturados em si mesmos, antes se organizam estruturalmente, intelectualizando-se (cf. *Études Sociologiques*). Isto é, a energia que constitui a afectividade, desde que penetre no motor cognitivo, intelectualiza-se. Esta a razão por que Piaget, em *Le Jugement Moral chez l'Enfant*, tenta mostrar que o desenvolvimento afectivo segue o desenvolvimento cognitivo e dele depende. Sobre a noção de cooperação podemos ler, em *Études Sociologi-*

ques, o seguinte: «As relações sociais de cooperação constituem grupos de operações, exactamente como todas as acções exercidas pelo indivíduo sobre o mundo exterior e as leis de agrupamento definirão a forma de equilíbrio ideal». Para Piaget, a afectividade não modifica em nada as estruturas cognitivas, o que não é senão a energia a definir por parâmetros biológicos.

3. *Com o estudo do animal:* Para Piaget há uma continuidade do animal ao homem, continuidade funcional, já que os princípios que determinam o comportamento humano são comuns a todo o organismo vivo. Por isso existe uma psicologia animal piagetiana onde se estuda, por exemplo, a representação em diferentes espécies animais.

Ao nível do estudo da linguagem Piaget considera, enquanto biólogo, que a ontogénese reproduz a filogénese, e afirma que as condições do aparecimento da linguagem na criança são as mesmas que as do seu aparecimento na filogénese, a saber, a permanência do objecto. Ora, como ele próprio explica em *La Formation du Symbole*, os chimpanzés dispõem da permanência do objecto. Para Piaget isso demonstra que a função semiótica exprime-se de modo diferente do que a linguagem, pois os chimpanzés dispõem dela mas não falam. Isto parece demonstrar que as capacidades de representação não são suficientes para o aparecimento da linguagem. Piaget, na mesma passagem, afirma sem rodeios que «todo o recurso ao conceito de vida social é inadmissível em Psicologia». Por que não falam então os chimpanzés?

Devemos voltar aqui ao inatismo funcional defendido por Piaget: para ele as funções que são comuns a todas as espécies conduzem à função semiótica que, no caso do homem, se realiza através da linguagem (o que não acontece nas outras espécies): é indispensável para Piaget explicar esta diferença por estruturas nervosas particulares, inatas. Encontramos a este respeito alguma coisa na intervenção de H. Sinclair no Colóquio do CNRS de 1971: «Em certo sentido, qualquer coisa como um esquema de base da linguagem humana existe efectivamente,

do mesmo modo que existem hipóteses de base que permitem à criança aproximar-se do modelo de linguagem que lhe fora apresentado. Este esquema tal como as hipóteses derivam de propriedades fundamentais do espírito humano, e num certo sentido de coordenações neurológicas». O inatismo funcional de Piaget aproxima-se então do inatismo estrutural de Chomsky.

4. *Com a teoria do conhecimento*: A elaboração de uma tal teoria é o objectivo primordial do trabalho de Piaget. Para ele a ontogénese cognitiva deve servir para compreender a história do conhecimento, pois o que é importante não é o quadro no qual se elabora o conhecimento (que é bem diferente ao nível da criança e ao nível dos grupos sociais), mas sim os mecanismos internos que governam esta elaboração. Encontramos vários textos de Piaget onde ele põe em paralelo, por exemplo, a evolução da noção de número, depois os caracteres e a sua evolução na criança. Isto levanta problemas bastante delicados: podemos perguntar, em particular, se neste caso a anterioridade cronológica não corresponde a uma inferioridade lógica. Encontramos algures na *Psychologie et Épistémologie*: «É bastante possível que em muitas sociedades o pensamento adulto não ultrapasse o nível das operações concretas e não atinja mais do que o nível das operações proposicionistas que se elaboram entre os 12 e os 15 anos nos nossos meios».

Como ilustração desta posição Piaget cita os trabalhos de Gablik (*Progression in Art*) sobre as grandes etapas da pintura, onde o autor tenta mostrar que a pintura primitiva corresponde ao nível pré-operatório, a pintura clássica às operações concretas e a pintura moderna ao estado hipotético-dedutivo.

Ao nível da linguagem esta proposição levanta uma questão importante: o nível da linguagem atingido pela criança em cada idade é a manifestação do seu nível cognitivo e se a história do conhecimento se assemelha à ontogénese, podemos dizer que as línguas primitivas ou as línguas mortas são menos elaboradas que as línguas modernas?

III — BURRHUS FREDERIC SKINNER

Como a posição piagetiana, a psicologia de Skinner é muito difícil de resumir e de compreender. Nós esquematizá-la-emos, tentando conservar o essencial. Tal como Piaget, é como psicólogo que Skinner aborda o comportamento verbal ao qual aplica as suas concepções gerais sobre o comportamento pois trata-se de um comportamento como os outros.

Mas para compreender o método de Skinner é importante, tal como para Chomsky, situá-lo no quadro das suas posições filosóficas. Skinner insiste longamente que, para ele, o behaviorismo constitui uma *filosofia* da ciência do comportamento. E na filosofia, Skinner escolheu claramente o seu campo: ele luta contra o espiritualismo em geral como o faziam já os primeiros behavioristas, e contra o mentalismo, em particular, na psicologia. Para ele é muito importante deixar de recorrer ao conceito de espírito e muito especialmente às vontades, às necessidades, às motivações, aos interesses, aos sentimentos... para explicar o comportamento, pois estes conceitos por si mesmos não explicam nada e é até necessário explicá-los. É uma das razões da originalidade de Skinner na corrente behaviorista. Ele define-se como behaviorista radical e mais ou menos todos os outros têm, segundo ele, pactos com o diabo, com o mentalismo; todos os «conciliadores» (*médiationistes*), por exemplo.

Logo o objectivo de Skinner é combater todo o recurso a uma causalidade interna na explicação dos comportamentos onde o meio, na sua concepção, tem um papel central.

Ao nível da aquisição da linguagem é necessário para Skinner considerar dois elementos, como aliás para todos os comportamentos: a história dos reforçamentos que o sujeito experimentou e a situação na qual o comportamento é realizado. Para conhecer a primeira, é necessário ter em conta as práticas da comunidade verbal, na qual vive a criança. Com efeito, Skinner recorre, por exemplo, à universalidade das práticas destas comunidades para explicar a existência de universalidades nas línguas (posi-

ção retomada por F. François). É a universalidade das práticas sociais que explica a universalidade de certos comportamentos.

No que respeita ao mecanismo da aquisição da linguagem Skinner considera que, como para todo o comportamento, é o *condicionamento operante* que pode ter um papel importante: em presença de um certo estímulo (referência-objecto), o indivíduo emite uma certa resposta (uma palavra) que o ambiente reforça ou não (incompreensão das outras pessoas, correcção pela mãe, obtenção do objecto...). O ambiente que condiciona uma tal aprendizagem inclui, evidentemente, todos os discursos entendidos pela criança, as realizações da sua língua materna e é a sua relação com o ambiente que explica a sua aquisição. Notamos que, contrariamente a Chomsky e Piaget, Skinner não encara senão a *função comunicativa* da linguagem. A representação não é para ele senão uma noção mentalista, para além do que significa ou representa. Não restam senão os «significantes» que *conservam com a realidade um laço estabelecido no «uso»* e que nada têm de arbitrário. Poderíamos evitar recordar que este *empirismo* militante não trouxe senão impasses ao nível da explicação em psicolinguística. Na realidade não existe nenhuma investigação experimental skinneriana no sentido estrito deste domínio.

E isso compreende-se: se na verdade a história das relações de cada indivíduo com o seu ambiente é determinante, é claro que não se pode ter o conhecimento desta história particular, individual e que nunca poderemos observar na totalidade. De facto o trabalho de Skinner é, como ele diz, um trabalho de filosofia: fica-se sempre pelo enunciar de princípios. Uma nota destaca este impasse e da parte de alguém que não pode ser suspeito de anti-behaviorismo: M. Richelle, que na *Analyse Formelle et Analyse Fonctionnelle du Langage* (Bull. Psychol., 1972) refere que «poderemos imaginar a variação das propriedades de um objecto e observar as modificações, na probabilidade de aparecimento, de tal ou tal resposta verbal. As questões deste tipo são *em princípio* passíveis de análise experimental mesmo se admitirmos que

ninguém terá a paciência de conduzir este género de trabalho para o conjunto das unidades gramaticais». Se o próprio Richelle não tem paciência para ser skinneriano em Psicologia, quem o será?

Resta ao psicólogo estudar um mecanismo geral de aquisição e de evolução dos comportamentos: o condicionamento operante. Mas de que natureza é este mecanismo para Skinner: em *About Behaviorism* encontramos: «o condicionamento operante é um *processo biológico*». Quer dizer que, como o equilíbrio da teoria piagetiana, o condicionamento operante é um modo de relação de um organismo com o meio que, segundo Skinner, caracteriza a maior parte das espécies animais. O que varia de uma espécie para outra são as sensibilidades aos reforçamentos: cada espécie é sensível a reforçamentos particulares, estas sensibilidades resultam da sua história filogenética e estão inscritas no potencial genético de cada indivíduo. Como ele diz claramente em *About Behaviorism*, «a espécie humana é e permanece um sistema biológico».

Podemos então perguntar qual é na verdade o papel do *meio* na psicologia skinneriana. Talvez o possamos resumir como tendo um papel de *selecção*, reforçando ou não certos comportamentos, o meio selecciona-os orientando assim o desenvolvimento. O papel que Skinner atribui ao meio é o mesmo que lhe é atribuído na teoria da evolução de Darwin e tem ainda o mesmo papel para Skinner ao nível da evolução das culturas. Tal como Monod pensava que se podia elaborar uma história natural das ideias, Skinner afirma que se pode construir uma história natural das culturas: cada nova prática social é, para ele, associada a uma mutação (variação brusca, endógena e aleatória); e a cultura dominante é, evidentemente, a melhor adaptada.

Podemos então perguntar-nos se o papel de selecção que o meio desempenha (nesta concepção) é assimilável em relação a um papel motor e ainda se para Skinner o motor real não será o organismo; em *Le Comportement, Moteur de l'Évolution*, Piaget afirma que «não é necessário

raciocinar como se a selecção tivesse originado a propriedade útil porque de facto ela demarcou-se favorecendo a escolha e a conservação».

Quais as relações da *Psicologia Skinneriana* com as outras disciplinas?

1. *Com a Biologia:* Aqui Skinner dá razão a Chomsky; o que se depreende da seguinte passagem de *About Behaviorism*: «A Psicologia é um ramo da Biologia». Para Skinner a última explicação dos comportamentos só poderá ser dada pelas ciências biológicas: «Um dia, contudo, concluir-se-á que é possível fazer a análise do que se passa no Sistema Nervoso Central no próprio momento em que o indivíduo manifesta um comportamento. Poder-se-á então substituir a história comportamental do sujeito pelo estado actual do seu SNC» (1971). Esta ideia, segundo a qual os psicólogos devem trabalhar para abrir caminho às investigações dos biólogos é retomada por Richelle na sua última obra: «A contribuição mais frutuosa que a psicologia pode dar à biologia ... é uma descrição coerente da relação entre fenómenos no domínio comportamental». Skinner exprime também esta opinião em *Cumulative record*: «O desenvolvimento genético do organismo e as ligações complexas entre o organismo e o meio constituem matérias de diferentes disciplinas. Um dia, saberemos o que se passa logo que um estímulo actua sobre uma superfície do organismo e o que se passa em seguida no interior deste organismo, numa série de etapas em que a última corresponde ao momento a partir do qual o organismo age sobre o ambiente e eventualmente o modifica... Mas em todos estes acontecimentos internos será tido em conta o auxílio das técnicas de observação e medida, próprias da fisiologia das diversas partes do organismo e nos termos apropriados para uma situação particular. O objecto da Psicologia é encontrar as relações causais entre *input* e *output* que constituem a preocupação específica de uma ciência do comportamento... A melhor contribuição, que nós especialistas do comportamento podemos dar à investigação colectiva que visa descobrir de modo completo o organismo en-

quanto sistema biológico, é a de fornecer um conjunto largo e coerente de relações causais descritas com o máximo de precisão».

2. *Com a Sociologia:* Para determinar a posição da psicologia skinneriana em relação aos fenómenos sociais é suficiente recordar a frase de *Par-dela la Liberté et la Dignité* (1972), onde Skinner descreve longamente as razões que conduzem à necessidade da Psicologia Experimental nesta sociedade: «O comportamento do trabalhador é de toda a importância para o empregador, pois este último tira o seu lucro com tanto zelo e cuidado quanto o trabalhador efectua o seu trabalho. Como surpreendê-lo para o despedir?».

Recordemos ainda as aplicações tecnológicas da psicologia skinneriana: modificação do comportamento e ensinamento programado.

Skinner enuncia claramente que uma cultura se assemelha ao meio experimental da análise do comportamento que se pode planificar como uma experiência e cujo fim a atingir através destas manipulações e destes controlos é o seguinte: «deverá ser possível construir um mundo no qual todo o comportamento passível de ser punido só aparecerá muito raramente ou nunca».

3. *Com o estudo do animal:* É conhecida a inclinação de Skinner pelos ratos brancos. Essa preferência tem o seu fundamento na ideia de que sendo o condicionamento operante um mecanismo biológico pode ser estudado para cada espécie. Skinner não pensa que se possam generalizar completamente os resultados obtidos nos ratos brancos à espécie humana, mas os mecanismos fundamentais são os mesmos: «O comportamento humano distingue-se dos outros pela sua complexidade, pela sua diversidade e pelas suas maiores realizações, mas os processos fundamentais não são necessariamente diferentes dos dos animais» (*Science and Human Behaviour*, 1953).

4. *Com a teoria do conhecimento:* Para Skinner o conhecimento é um repertório de comportamentos e, como nos outros comporta-

mentos, as ideias científicas são seleccionadas em função da sua adaptação ao meio.

(Tradução de Otilia Pacheco)

SUMÁRIO

Concluindo e como elemento para um debate sobre estas três concepções, pensamos que são mais evidentes as suas semelhanças do que as suas diferenças. Há nestas teorias uma concepção comum do que deve ser a Psicologia. Porém, no plano epistemológico, é importante distinguir a posição de Skinner devido ao papel importante que o meio aí desempenha, revelado no seu estudo sobre os aspectos exclusivamente comunicativos da linguagem. E ainda por causa da prática social que deriva da sua concepção. Apenas se acreditarmos que o meio é determinante no desenvolvimento em geral poderemos acreditar na possibilidade de intervenção sobre o meio com vista a «melhorar» esse desenvolvimento. Resta determinar o que significa esse melhoramento, ainda que Skinner não mostre ter qualquer dúvida sobre o assunto.

Mas, a um nível mais global, e de certo modo, a teoria de cada um destes três psicólogos vai buscar a sua base à biologia. Cada um dos autores recorre a uma teoria de evolução biológica e utiliza-a na sua explicação do desenvolvimento da criança. Nesta explicação nenhum deles evidencia o que contribui para a especificidade do homem: a sua relação social com o semelhante, com a sociedade. O homem é sempre considerado como uma espécie biológica, nunca social.

O que certamente tem implicações directas no trabalho que é transferido para os psicólogos, mesmo se eles, ao estudar a linguagem, não são verdadeiramente chomskianos, piagetianos ou skinnerianos.

RÉSUMÉ

En conclusion et comme élément d'un débat sur ces trois conceptions, il semble que ce qui est frappant, c'est plus leurs similitudes que leurs différences. Il y a à la base une conception commune de ce que doit être la psychologie.

Il est vrai cependant que sur le plan épistémologique, il est important de distinguer l'approche skinnerienne des deux autres en raison du rôle important joué par le milieu chez Skinner, révélé dans son étude des aspects exclusivement communicatifs du langage. En raison aussi de la pratique sociale qui découle de sa conception. C'est seulement si l'on croit que le

milieu est déterminant dans le développement en général qu'on croit à la possibilité d'intervenir sur ce milieu pour «améliorer» ce développement. Reste à déterminer ce que signifie cette amélioration, même si Skinner, lui, n'a aucun doute à ce sujet.

Mais à un niveau plus global, il semble que d'une certaine façon, la théorie de chacune de ces psychologies soit en dernier ressort la biologie. Chacun de ces auteurs recourt à une théorie de l'évolution biologique et l'utilise dans son explication du développement de l'enfant. Aucun d'eux ne recourt dans cette explication à ce qui fait la spécificité de l'homme: son rapport social à l'autre, à la société. L'homme y est toujours considéré comme une espèce biologique, jamais sociale.

Ce qui a bien sûr des implications directes sur le travail qui est ainsi dévolu aux psychologues, même si ceux-ci, dans leur étude du langage en tout cas, ne sont jamais vraiment chomskiens, vraiment piagétiens, vraiment skinneriens.

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, N. (1970) — *Le Langage et la Pensée*, Payot, Paris.
- CHOMSKY, N. (1977) — *Réflexions sur le Langage*, Maspéro, Paris.
- PIAGET, J. (1932) — *Le Jugement Moral chez l'Enfant*, Alcan, Paris.
- PIAGET, J. (1936) — *La Naissance de l'Intelligence chez l'Enfant*, Delachaux et Niestlé, Neuchâtel.
- PIAGET, J. (1946) — *La Formation du Symbole chez l'Enfant*, Delachaux et Niestlé, Neuchâtel.
- PIAGET, J. (1965) — *Études Sociologiques*, Droz, Genève.
- PIAGET, J. (1965) — «Génèse et Structure», in *Entretiens de Cerizy-La Salle, Juillet-Août 1959*, Mouton, Paris.
- PIAGET, J. (1967) — *Biologie et Connaissance*, Gallimard, Paris.
- PIAGET, J. (1968) — *Le Structuralisme*, P.U.F., Paris.
- PIAGET, J. (1970) — *Psychologie et Epistémologie*, Denoël-Gonthier, Paris.
- PIAGET, J. (1970) — *L'Epistémologie Génétique*, P.U.F., Paris.
- PIAGET, J. (1974) — *Adaptation Vitale et Psychologie de l'Intelligence. Sélection Organique et Phénotypie de l'Intelligence*, Hermann, Paris.
- PIAGET, J. (1975) — *L'Équilibration des Structures Cognitives*, P.U.F., Paris.
- PIAGET, J. (1976) — *Le Comportement, Moteur de l'Évolution*, Gallimard, Paris.
- PIAGET, J. (1977) — *Entretiens avec J. A. Bringuier*, Gonthier, Paris.
- SKINNER, B. F. (1953) — *Science and Human Behavior*, The MacMillan Company, New York.
- SKINNER, B. F. (1961) — *Cumulative Record*, Appleton-Century Crofts, New York.
- SKINNER, B. F. (1972) — *Par-delà la Liberté et la Dignité*, Laffont, Paris.
- SKINNER, B. F. (1974) — *About Behaviorism*, Knopf, New York.